
PINTAR, PARIR, PARAR

"SE EU PUDESSE EXPLICAR MINHAS TELAS,
ISSO SERIA CERTAMENTE UMA COISA INTELECTUAL.
SE NÃO SE FOR ALÉM, É ALGO FRIO E MORTO;
COISA DE TEÓRICO." (Miró)

JEANINE TOLEDO

É difícil determinar o processo de criação artística. Como abordar o que nos ultrapassa através da nossa razão limitada?

O meu processo de criar não é lógico. As idéias não surgem preconcebidas, a mão sempre surpreende. No início é matéria branca, papel, tela. É preciso envolvimento, entrega visceral.

Todo o trabalho é muito a experiência vivida, decodificada e revelada. É como se existisse um bombardeio de informações visuais e sentidas, passadas num liqüidificador da memória e expulsas simbolicamente. *"Não deve ser difícil a você parar algumas vezes para olhar as manchas de uma parede, ou as cinzas de uma fogueira, ou as nuvens, a lama e outras coisas no gênero nas quais ... vai encontrar idéias verdadeiramente maravilhosas."* (Leonardo da Vinci)

Quando o envolvimento é total, o trabalho revela a sua verdade, a alma de quem o faz. **É difícil fazer seu o que é de todos.** Mas é exatamente isto que faz existir Rembrandt, Goya, Picasso e tantos outros que conhecemos.

Em cada novo quadro um eterno parir, mãe, filho, dor do parto. Talvez o caminho para nós mulheres que parimos no real, seja um processo muito mais doloroso. Me questiono no decorrer da história humana onde estão as mulheres criadoras, por que elas são tão poucas. aonde elas estavam enquanto os homens se sobressaíam em trabalhos ditos femininos como cabeleireiros, cozinheiros, costureiros? Sempre são grandes homens que ocuparam esses espaços, por que?

Me parece que enquanto elas realmente pariam, os homens tomavam os seus lugares (pariam suas criações), e aí ficava muito mais difícil para elas parirem em duas dimensões.

Lembro nomes femininos nas artes plásticas, como Frida Khalo e Camile Claudel. Não pariram no real, apenas tentaram em épocas distintas mostrar os seus trabalhos, não sem muita dor e sacrifício.

Camile foi descoberta por ser irmã de Paul Claudel e amante de Rodin. Ainda muito nova foi internada como louca num asilo onde viveu até a sua morte. Era tida como um pária na sociedade. Seus trabalhos não são

encontrados em quase nenhum dos museus espalhados pelo mundo. Apenas no museu Rodin, como sendo uma mera aluna sua. Suas esculturas eram viscerais ... Não foi esposa, mãe e muito menos artista. Apenas tida como louca!

Frida Khalo não teve melhor sorte. Conhecida como a mulher de Diego Rivera, o grande muralista mexicano, seus quadros retratavam sua vida, sua dor. Na adolescência foi atravessada por um ferro num acidente de bonde. Sofreu muitos problemas advindos desse acidente por toda sua vida. Não conseguia gerar uma criança. Abortou várias vezes. Foi convidada pelos surrealistas para participar do seu grupo. Não se encaixava em nenhuma das suas teorias. Morreu, ou se deixou morrer muito nova. Ambas mostram a dificuldade para o sexo feminino parir obras conjuntamente com o parir real. Onde estão essas mulheres e suas crias?

Após essa digressão volto ao meu processo criativo. O enfrentamento com a cria (tela, barro, matéria) é bastante doloroso, existe a vertigem, a dor, a hesitação e depois um envolvimento progressivo, a perda dos limites, *"como quando um corpo se perde no outro corpo na relação amorosa."* (Iberê Camargo)

Daí começa o duelo com o quadro, a entrega física e emocional. É preciso que você se perceba aprisionada, encare-o, questione-o, enfim viva com ele uma intensidade simbiótica. É preciso ouvir a linguagem de um quadro, ele indica o caminho a se seguir.

O tempo é o grande escultor, plagiando Marguerite Yourcenar ... O envolvimento vai se tornando maior a partir do operar sobre a tela (isso não quer dizer essencialmente tempo físico).

Como as idéias e imagens não são preconcebidas, elas surgem a partir de manchas que são postas em superposições. As formas e as cores algumas vezes mesmo se premeditadas, quando se concretizam sobre a tela são sempre surpresas. E o primeiro a surpreender-se é, sempre, o pintor. O quadro se autogera até certo ponto, o pintor descobre incessante a pintura e se descobre na pintura.

O olho nem sempre vê aquilo que quer ver, e a mão revela o que está por trás do olho (o oculto). Assim como palavras num consultório de um analista, erros (lapsos) na pintura mostram grandes achados e descobertas ...

Chega um momento em que me deixo levar pelas cores, pelos ritmos, pelas figuras que vejo nascer sobre a tela. Então encontro-me perseguindo uma verdade a qual me seria impossível indicar com exatidão.

Muito do que foi posto pode ser eliminado, raspado, recolocado, O processo é muito angustiante porque às vezes o trabalho toma rumos que ficam completamente fora de tudo o que eu possa ter querido no início do operar, mesmo não sendo um início consciente. Parece que o pincel, o rolo, me guia por caminhos que não são os meus, como se houvesse um comando superior. *"Não sou eu quem pinta, mas alguém que me segura a mão."* (Rousseau)

Mas nesse processo existe (e é necessário) um estágio no qual temos que ter um certo controle plástico (senão seria puro delírio). É quando entra a questão do equilíbrio no meio da loucura (Que loucura!). Temos que ver a composição, a combinação de cores, a harmonia delas. Mesmo que eu não trabalhe, sento-me em frente à tela e vou elaborando. Todas essas idéias vão

amadurecer, e é preciso conseguir ver. Se isso não acontece, está tudo perdido! Você tem que estar atento ao macro e ao micro: à composição completa e às pequenas partes (e é preciso chegar perto para vê-las). *"Numa pequena igreja de Madrid, San Antônio de La Florida, ele fez (Goya) aquela grande pintura que decora a Ermita. Graças à colocação de andaimes, pude vê-la de perto. [Miró dá um assovio de espanto] Fiquei feliz e apaixonado. Ver lá de baixo é uma coisa, mas se você se aproxima! Quantos acidentes na matéria!"* (Miró)

Então, na realidade, é como se o quadro tivesse duas visões": a visão de baixo (de longe) que permite descobrir uma "representação", e a visão de perto, que revela uma aventura de matérias.

Depois desse processo eu começo a travar uma luta de domínio da situação (mesmo que seja uma mera ilusão!) e ter talvez um pequeno esboço do que se pode tornar aquela cria. Nesse processo muitas vezes os erros são acertos e vice-versa.

E a hora de parar, como sabemos dela? É difícil definir exatamente essa hora, mas os quadros falam e é preciso estar atento a essa linguagem. Muitas vezes é preciso se afastar para logo depois perceber o incômodo. Às vezes leva dias, às vezes anos ... Quantas vezes me foi necessário partir de um deles deixado num canto escondido do atelier e retomá-lo depois de um ou dois anos, repintando-o e descobrindo no velho belezas de matérias e caminhos para o novo que surgia?

Uma vez, acabada a tela, já não quero nem saber, ela está pronta para o mundo. É como um filho que se gerou, nasceu e que soltamos no mundo. O quadro já não é mais propriedade do pin-

tor, ele está solto para a vida e existe por si só. Descobri que o que impulsiona o pintor enquanto pinta é a esperança e o saber que a criação é inesgotável, que aquele quadro terá sempre uma continuação em outro quadro e mais outro. Só parará esse fluxo no dia em que ele morrer...

